

A oralidade e a memória numa comunidade negra

Jossé Fernando Giotti (Brasil)

jossegiotti@yahoo.com.br

Estudante e Bolsista, Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus, Santa Catarina
Bolsista de Necom (Núcleo de Estudos em Comunicação)

Rodrigo Miranda Barbosa (Brasil)

bk@brturbo.com

Estudante e Bolsista, Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus, Santa Catarina
Bolsista de Necom (Núcleo de Estudos em Comunicação)

Resumo

O presente texto é um primeiro passo (primeiras impressões) de uma pesquisa sobre a comunidade negra do Catumbi, portanto, nesta primeira etapa lançaremos mais perguntas do que respostas, procuraremos debater mais sobre as questões relacionadas com os processos da oralidade (buscando compreendê-la através da História Oral e Memória), os processos de/da hibridização e identidade, além de traçar um rápido histórico sobre a comunidade do Catumbi.

Resumen

Este texto es un primer paso (primeras impresiones) de una pesquisa sobre la comunidad negra Catumbi, de esa forma, en esta primera etapa lanzamos más preguntas que respuestas, buscamos debatir más sobre las cuestiones relacionadas con los procesos de lo oral (buscando comprenderla a través de la Historia Oral), los procesos de/de la hibridización cultural e identidad; más allá de trazar un rápido histórico sobre la comunidad de Catumbi.

1. Contextualização

Conta-se, na região do Catumbi, que em 1856 um escravo que fugiu de São Francisco do sul e se uniu a 25 famílias que moravam em Itapocu (região de Araquari). Originário de uma colônia portuguesa, o escravo trazia consigo uma imagem barroca de Nossa Senhora do Rosário. Segundo a narrativa oral Nossa Senhora do Rosário começou a ser cultuada pelos negros após salvar dois escravos fugidos. Um clarão provocado pela divindade católica teria impedido que

fossem estraçalhados pelos cães do *capitão do mato*. Como reconhecimento de seu milagre a virgem teria pedido o culto em forma de versos e batuque.

Oswaldo Mario Eufrásio (citado por GROTH 2001a), participante do Catumbi há 55 anos, nos diz “É por isso que o catumbi é aquele que canta, aquele que bate. É o batuque de Nossa Senhora do Rosário”. Soma-se a isso forte movimento *catequizante* por parte da igreja católica brasileira, herança da colonização portuguesa. Segundo MENEZES(2001a) “A arregimentação dos afros em confrarias do Rosário e São Benedito foi inicialmente uma imposição de fora ao africano. Foi uma segunda estratégia para uma cristianização mais profunda”. Segundo Jucélia Maria Alves e Rose Mery de Lima no livro “Cacumbi - Um Aspecto da Cultura Negra em Santa Catarina”. É neste contexto que se interpenetram tradições africanas e mitos católicos.

Hoje, em 2004, após 148 anos, as manifestações de devoção à santa continuam. O grupo Catumbi fundou sua própria igreja, a Igreja Católica do Brasil. José Marcelino Maria, o Maia, que a mais de trinta anos é o capitão do grupo (o responsável pela entoação dos cantos tradicionais). Conta que as festividades acontecem entre 24 e 26 de dezembro em memória dos escravos, comemoravam na mesma época. Hoje conforme MAIA(2004) não há restrições para quem quer participar do Catumbi têm vários brancos participando, e é através da família e dos (brancos ou negros) amigos que o grupo continua aumentando.

2. A questão da pureza e da hibridização

Após o deslocamento das (várias e distintas) comunidades negras africanas de “seu” continente (espaço de culturas, no plural) estes são “homogeneizados” num discurso que os identifica pelo significante negro, desconsiderando assim outras distinções como cultura, religião, relações interpessoais, desconsideram que “somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferença”, HALL(2003b:346).

A negritude como é simplificada no discurso do negro-africano-tribal não dá conta das complexidades da sociedade e/ou “identidade” negra anteriores a diáspora (nem posteriores). Como o termo identidade negra também é precário pela generalização que alude como possível de categorizar grupos/indivíduos pela tonalidade da epiderme, e que dá ao termo (neste caso) igual profundidade (epidérmica). A identidade, necessariamente, constitui o sujeito pela comparação com o outro (idem: o mesmo que) enquanto a cultura em suas diversas modalidades não deixa formas de ser/estar delimitáveis e previsíveis. A partir da constatação da precariedade do termo identidade foi preferido trabalhar com identificação, como uma instância em que o sujeito é/está provisoriamente como também utilizar o termo lugar-cultural (generalizando o termo cultura quanto possível). Neste caso o sujeito tem mobilidade de lugar para lugar (não se trata aqui de lugar geográfico, podendo de certa forma estar contido) na cultura que é como que estar em uma posição e desta posição (provisória, móbil) se observa e é observado, há ainda os possíveis entre-lugares, onde o sujeito está em mais de um lugar em cada momento e em outro momento pode não estar em nenhum destes. O sujeito-humano poderá (possibilidade) então transitar entre vários lugares independente de sua cor, etnia, religião, já que estas não o

determinariam nem limitariam a continuar a ser pela convenção da tradição e/ou “genética” uma invenção/representação de si.

A proposta é substituir a explicação do “negro” ponto de partida de uma identidade determinante para a uma interpretação do sujeito-negro enquanto ator e produtor de sua própria “realidade”, podendo participar ou contestar/rejeitar esta noção *negróide* construído de um discurso de não-negros e assimilado no discurso dos não-brancos. E se aproximar, talvez, “do fim da noção ingênua de um sujeito negro essencial” (HALL, 2003b:347)

Stuart Hall (2003a:84) em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” propõe três possíveis conseqüências da globalização: “a continuidade e a historicidade da identidade são questionadas pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais”, “que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais”, e por último que a globalização possa levar a uma produção de novas identidades.

A comunidade do Catumbi num primeiro olhar se apresenta com uma nova identidade, mas não pode ser vista como uma comunidade pura e que foi se hibridizando com o passar dos tempos, e sim que ela nasce híbrida, assim como nos diz MAIA (2004) “na África a santa é para ser Iemanjá, aqui como já era misturado com português e etc, então começaram com a religião católica”, e desde então vem se modificando, resignificando e se mantendo como comunidade.

O descrito até aqui faz parte de uma pesquisa que está e será desenvolvida, portanto, muitos dos elementos expostos serão rearticulados conforme o próprio processo da investigação. O texto buscou colocar na mesa de discussão uma pesquisa que quer trabalhar a questão da identidade cultural de uma comunidade determinada que (re)elabora estratégias e modos de memória identitária.

3. A questão da oralidade e a proposta do cotidiano

Dividiremos a questão da oralidade em duas partes, a primeira: um breve diálogo sobre a “problemática” da oralidade; e a segunda será: como se dará o processo de resgate oral nossa pesquisa. Além do levantamento pontual de algumas temáticas a serem abordadas.

3.1 A problemática da oralidade

Walter Benjamin em “O Narrador”, vê a arte de narrar cair numa queda interminável, “é como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências”(1983), o autor enuncia vários fatores que levaram a esta decadência, a primeira apontada por ele está a primeira guerra mundial. Benjamin nos diz que quando os soldados voltavam, eles chegavam mudos, e passados 10 anos, os livros de guerra eram tudo menos estórias orais, pois a oralidade nunca perdeu tanto sua legitimidade quanto neste período, “Pois nunca as experiências foram desmentidas mais radicalmente do

que as estratégias pela guerra de posições, as econômicas pela inflação, as físicas pela batalha de material bélico, as morais pelos detentores do poder”(1983).

Essa troca de experiências, pode ser vista na idade média com o exemplo dos artesãos, o mestre e os aprendizes trabalhavam junto e todo mestre um dia fora aprendiz como diz Benjamin, hoje ainda se observa essa troca dos artesãos quando se fala por exemplo dos sapateiros, onde não há faculdades ou cursos que formem sapateiros, é a troca de experiência entre mestre e aprendiz que dá continuidade a profissão. O autor propõe que o romance no início da Era Moderna foi outro fator que levou a narrativa a decadência, para ele o que separa o romance da narrativa é a dependência obrigatória do livro, e o próprio romance se difere de todas as formas de literatura em prosa, pelo fato de não ser baseado na experiência própria ou relatada do autor, mas também pelo fato de que ele mesmo(o romance) não irá entrar para a oralidade.

A decadência que sofre a narrativa com o advento do romance em nada se compara para Benjamin ao surgimento de uma nova forma de comunicação: a informação. A informação é inteligível por si só segundo o autor, Podemos ver isso claramente nos dias de hoje quando somos bombardeados por milhares de informações que são dispersas e fragmentadas, mas somos pobres de histórias notáveis, pois como diz BENJAMIN(1983) “não chega até nós nenhum fato que já não tenha sido impregnado de explicações”, não há espaços para a reflexão e a imaginação, a informação é um produto com prazo de validade, só aceita se for nova.

Nadando contra a maré (mas não de frente) temos as festividades da comunidade do Catumbi que se realizam a mais de um século, e que nos propomos estudar, tanto como esse tipo de experiências são trocadas entre os membros mais velhos e os mais novos, como se dá a manutenção e as mudanças nesta comunidade.

3.2 Articulando a oralidade/memória na pesquisa

Em uma primeira aproximação, à comunidade, optou-se pela entrevista aberta, por estar de acordo com o contexto e cenário de uma pesquisa qualitativa que se propõe a interpretar a oralidade na construção e manutenção da memória da mesma. Buscou-se nesta primeira aproximação resgatar/observar elementos *microsociais* que constituem as dinâmicas *macrosociais* nas relações/negociações sócio-culturais do objeto pesquisado.

O testemunho oral para Joëlle Rouchou(2000), historicamente vem sendo utilizado quando não há documentação, mas isso para (MEIHY *apud* ROUCHOU 2000), significaria reduzir o testemunho à apenas preencher lacunas de um documento e a própria definição de história oral traz inúmeras visões diferentes.

A presente pesquisa procura tencionar esta posição, de JOUTARD *apud* ROUCHOU(2000):

a expressão ‘história oral’ é inadequada por duas razões: porque o discurso oral puro não existe em nossas sociedades e, sobretudo, porque o testemunho oral só adquire seu verdadeiro significado se comparado ao documento escrito...

A avaliação que se faz é que este é um “pensamento” limitado (nos limites da comunidade erudita ocidental), a obrigatoriedade da escrita para o enunciado se tornar válido é da época da escrita e não vale para todos os seus contemporâneos. Para esta comunidade erudita a história se vale na escrita, haja vista que, antes desta, o que temos (ou não) é a pré-história.

“Intelectuais indígenas que sabem escrever, que sabem ler, quando não o fazem, não fazem porque não há sentido (...) para se comunicarem com a gente com que eles querem se comunicar”, Daniel Mato (2004)¹.

Bibliografia

BENJAMIN, W. O narrador: Observações sobre a obra de Nikolai Leskow. Trad. M. Carone. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

GROTH, Marlise. Catumbi resiste ao tempo em Itapocu, no Norte de SC. ANotícia, Joinville, 02 set. 2001a. Anexo. Capturado em 12 de jul. 2004. Online. Disponível na Internet: <http://an.uol.com.br/2001/set/02/0ane.htm>

_____. Lenda conta que santa pediu culto com versos e batuque. ANotícia, Joinville, 02 set. 2001b. Anexo. Capturado em 12 de jul. 2004. Online. Disponível na Internet: <http://an.uol.com.br/2001/set/02/0ane.htm>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro : DP & A, 2003a.

_____. Que “negro é esse na cultura negra? In: Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte, UFMG; Brasília: Rep. UNESCO, 2003b, p.335-349.

MARIA, José Marcelino. A Comunidade Catumbi. Joinville, Residência de José Marcelino Maria, 02 jul. 2004. Entrevista a Jessé Fernando Giotti e Rodrigo Miranda Barbosa.

MATO, Daniel. Práticas intelectuais em cultura e poder. Canoas, ULBRA, 08 jul. 2004. Conferência ministrada no 1º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação.

MENEZES, Ana Cláudia. Ó Sinhô, sinhô, sinhô capitão. ANotícia, Joinville, 02 set. 2001a. Anexo. Capturado em 12 de jul. 2004. Online. Disponível na Internet: <http://an.uol.com.br/2001/set/02/0ane.htm>

_____. Tema dispõe de poucas fontes de pesquisa. ANotícia, Joinville, 02 set. 2001b. Anexo. Capturado em 12 de jul. 2004. Online. Disponível na Internet: <http://an.uol.com.br/2001/set/02/0ane.htm>

_____. Cacumbi. ANotícia, Joinville, 02 set. 2001c. Anexo. Capturado em 12 de jul. 2004. Online. Disponível na Internet: <http://an.uol.com.br/2001/set/02/0ane.htm>

ROUCHOU, Joëlle. 2000. **História Oral: reportagem x entrevista-história**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 23, n. 1, jan./jun.

¹ Durante conferência em que discutia a obrigatoriedade da escrita nas práticas intelectuais